

Manuel Ribeiro (1878-1941)



Manuel Ribeiro (1878-1941), natural de Albernoa, freguesia de Beja, foi um dos mais destacados militantes anarco-sindicalistas da primeira República. Com pouco mais de vinte anos veio para Lisboa, dedicando-se à tradução e ao jornalismo. É também o momento em que inicia uma obra literária, que anos mais tarde dele fará um dos mais lidos escritores do tempo. Como tradutor, verteu para o português obras de Gorki, Tolstoi, Kropotkine e Paul Elzbacher. A ligação militante ao anarquismo operário data de 1908, mas a primeira colaboração com a imprensa libertária é de 1909. Entre 1912 e 1914 é um dos mais assíduos colaboradores do semanário *O Sindicalista*, órgão da corrente operária libertária. Com o fim deste e a fundação de *A Batalha*, Manuel Ribeiro transfere para este diário a sua colaboração, que mantém até Março de 1921.

A revolução russa de 1917 dividiu o movimento operário mundial e Manuel Ribeiro, vendo nos soviets um equivalente do sindicalismo revolucionário, toma partido pelo bolchevismo, fundando com outros a Federação Maximalista, cujo jornal dirigiu, e o Partido Comunista Português. Mais tarde, em 1926, converteu-se (em privado) ao catolicismo. A conversão não levou porém o autor a alhear-se das antigas preocupações, acabando por se manter dentro da mesma esfera, com a aproximação a sectores católicos socialmente empenhados. Dirigiu nesses anos a revista

católica Renascença, fundou uma outra, Era Nova, esta com o padre Joaquim Alves Correia, e publicou um livro de ensaios, *Novos Horizontes* (1930), em que esclarece a sua separação da fórmula integralista, que por então dominava nos meios católicos.

Talvez por isso Alexandre Vieira, o principal redactor de *A Greve*, *d'O Sindicalista* e *d'A Batalha*, não tivesse dúvida em citá-lo muitos anos depois no pórtico de abertura de *Figuras Gradadas do Movimento Social Português* (1959, p. XI) como um dos que prestaram excelente cooperação ao Movimento Sindicalista, ao lado de Aurélio Quintanilha, César Porto, Sobral de Campos, Pinto Quartim, Jaime Brasil, Julião Quintinha, Artur Portela e Cristiano de Carvalho, todos sem biografia constituída nesse livro repositório do primeiro sindicalismo português.

O legado de Manuel Ribeiro, pelo trajecto variadamente complexo do autor, não é um legado fácil. Ainda assim não nos parece justo avaliá-lo na esfera da apostasia, ou da oportunidade de ocasião, pois as inquietações religiosas do autor, aliadas a um interesse erudito pela arquitectura do sagrado, eram por ele assumidas publicamente desde 1916. E o seu primeiro romance, *A Cathedral*, em cuja medula palpita toda a questão da sua posterior conversão, é de 1920, ano em que publica a compilação das crónicas *n'O Sindicalista* e *n'A Batalha*, em que se empenha na consolidação do *Bandeira Vermelha*, órgão da Federação Maximalista, e em que projecta a criação do Partido Comunista, além de ser aquele em que passou três meses no Limoeiro na sequência duma greve dos Caminhos-de-Ferro.

Sobre esta figura tão complexa como hoje desconhecida, Gabriel Rui Silva fez uma longa investigação de anos pelos arquivos e bibliotecas de que resultou em 2009 uma dissertação de doutoramento apresentada com sucesso à Universidade Aberta. Essa dissertação académica foi agora dada à estampa em livro, *Manuel Ribeiro, o Romance da Fé* (2010, ed. Licorne, pp. 304; ver editorallicorne.blogspot.com). Dela fez ainda o autor uma curta sinopse, em poucas páginas, que acabou de dar à estampa no último número da revista *A Ideia* (nº 69, Abril, 2011).

António Cândido Franco / 16 de Maio de 2011

Publicado no blog *A Ideia Livre* em 18 de Maio de 2011